DAVID LAWYERMAN
E
A TOMADA DE MONTE CASTELO

Editora YOLBOOK

Israel Foguel

DAVID LAWYERMAN
E
A TOMADA DE MONTE CASTELO

1ª Edição

São Paulo
Edição do Autor
2018

Copyright by Israel Foguel
Editor Israel Foguel

Registrado na Fundação Biblioteca Nacional
Decreto nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998

Dados para catalogação na publicação (CIP)

F655d Foguel, Israel, 1954 –

David Lawyerman e a Tomada de Monte Castelo,
Israel Foguel, - 1ª ed. - São Paulo: Editora Yolbook, 2018.
120 p.: 14,8 x 21cm il.

1. Romance, Literatura Brasileira. I.Título

ISBN: 978-85-93232-16-9

CDD – **B869.93** CDU – **82.31**

Todos os direitos reservados por **Israel Foguel**
Rua D. Pedro II, 1624 - Centro - Pirassununga – SP
(19) 9.9745.4131
E-mail: israel.foguel@gmail.com

CAPÍTULO 1 – A FAMÍLIA



Sr. Carlos Lawyerman e a sra. Agnes Lawyerman eram pessoas simples que residiam em uma pequena cidade do interior de São Paulo.

Viviam tranquilamente em um pequeno bairro conhecido por “Raia”.

Dizem que na criação deste bairro, em 1874, havia uma capela e na frente desta capela havia um grande espaço que era usado para corridas de cavalos e apresentações de “Cavalhada” durante a festa do Divino.

“Cavalhada” é uma celebração portuguesa tradicional que teve origem nos torneios medievais. Nesta celebração os aristocratas exibiam, em espetáculos públicos, a sua destreza e valentia, e frequentemente envolviam temas do período da Reconquista.



Era um torneio que servia como exercício militar nos intervalos das guerras e onde nobres e guerreiros cultivavam a praxe da galantaria.

Nas cavalhadas as bolas de barro ocas, cheias de flores e cinzas, eram jogadas no campo de batalha. Essas cavalhadas recriavam os torneios medievais e as batalhas entre cristãos e mouros.

Neste pátio, de 1874 até 1920, eram realizadas as “cavalhadas”, um torneio com 24 cavalos, especialmente vestidos, representando 12 mouros e 12 cristãos, que travavam uma luta simulada, com várias provas, terminando num acordo, numa forma de “paz”.

Desde então o bairro onde moravam Carlos e Agnes ficou conhecido como o “Bairro da Raia”.

Carlos e sua esposa tinham orgulho de seu filho David, um menino inteligente e que amava a natureza, os animais e as coisas relacionadas a igreja evangélica a qual frequentavam.

David era um garoto muito obediente a seus pais. Gostava de brincar na rua com a garotada.

Morando em uma casa muito humilde, temia a Deus e compartilhava seu carinho com a família, amigos, vizinhos e toda a cidade.

Aos domingos, pela manhã, juntamente com seu pai e sua mãe se dirigiam à sua Igreja existente próximo ao bairro em que moravam, situado a cerca de 800 metros.

Ali cantavam belos hinos de louvor a Deus, liam e interpretavam trechos das escrituras sagradas e de lá saiam extasiados com as maravilhas de Deus.

Seu pai, Carlos, sempre lhe dizia:

- *Deus está no controle de nossa vida! Tudo é possível se acreditarmos e nos colocarmos em suas mãos.*

Quando a noite chegava, em quase todos os domingos, seus pais o levavam até uma praça que existia no centro de sua cidade.

Nesta praça havia um coreto, e debaixo deste coreto havia um bar.

Enquanto algumas pessoas bebiam e se divertiam, Carlos, Agnes e o pequeno David se vislumbravam com uma corporação musical que, dentro do Coreto da praça, executava lindas “marchinhas”.

Ao terminar a apresentação, toda a criançada, juntamente com seus pais, acompanhava a banda que se dirigia até a sua sede, que ficava na parte baixa da cidade.

Quando havia circo na cidade, a festa era melhor ainda. A Banda, após a apresentação no coreto da praça, saia acompanhada pelos pais e criançada e ia até a entrada do circo, ali se dispersando.

Alguns pais e crianças entravam no circo e a Banda era colocada em um local especial onde executava, durante os espetáculos, lindas canções.

Na verdade, Carlos, Agnes e David formavam uma família feliz que nunca se metia em encrencas, porque simplesmente não compactuavam com esse tipo de coisa.

O sr. Carlos tinha um pequeno armazém de secos e molhados. Era um homem de média estatura mas corpulento, quase sem pescoço, com enormes bigodes.

A sra. Agnes era morena, olhos tão verdes que chamavam a atenção de quem dela se aproximasse.

Em seu armazém o que valia era a “palavra de honra”.

Os clientes traziam de sua casa uma “cadernetinha” e Carlos, pacientemente marcava tudo o que eles adquiriam em suas compras. No final do mês, levavam a “cadernetinha” e dona Agnes, com a ajuda de David, calculava o valor das mercadorias compradas e recebia o pagamento dos clientes.

David, que ajudava seus pais no Armazém, desde pequeno adorava ler livros, em Inglês, Alemão e, pasmem, Aramaico. Na escola ainda não havia estudado estas matérias, mas ele se interessava tanto que estudava por conta própria.

Tinha amizade com dona Andreia, uma velha senhora que cuidava da biblioteca da escola e, no final da tarde, ela sempre acabava emprestando os livros que David precisava.

David colocava os livros em um “bornal”, que era uma sacola de pano com alça longa onde carregava seu material escolar e, feliz, saia correndo para casa.

Quando já tinha conseguido algum conhecimento no inglês, brincava com os filhos dos vizinhos de “Escola de Inglês”, onde ele era sempre o professor e os amigos eram os alunos.

E assim cresceu o pequeno David, na palavra de Deus e nas crenças de seus pais e de sua igreja.

Cresceu brincando de esconde-esconde, pega-pega, amarelinha, queimada, pulando corda, brincando de

“taco”, de “bisteca”, de “escola”, rodando pião, estilingue, empinando pipa (também conhecido como “papagaio”), polícia e ladrão, peteca e brincando de cabra cega nas ruas de seu bairro.

Uma coisa que chamava muito a atenção de David quando era pequeno eram os símbolos, as bandeiras, e porque não dizer, a farda dos soldados brasileiros.

Sempre quando podia ia até uma avenida localizada no alto da cidade, onde ficava o Quartel do 2° Regimento de Cavalaria Divisionária, também conhecido por 2° RCD, só para espiar as ordens unidas que os militares ali faziam.

Todo país tem seus próprios símbolos nacionais: o hino, a bandeira, os brasões.

Porém, mesmo não oficialmente, a imagem do soldado já é, em si, um símbolo de orgulho nacional.

Traz significados de amor à pátria, sacrifício em nome da soberania do país, coragem e bravura na defesa de nosso território. Tudo isto representa o soldado, na guerra e na manutenção da paz dentro e fora de seu território.

Em nosso país, o serviço militar é obrigatório por lei desde 1908. Ao completar 18 anos, todo rapaz deve se cadastrar em alguma das forças armadas e fazer uma série de testes depois dos quais é convocado um percentual dos inscritos.

Em muitos países, este alistamento é voluntário.

Ao optar por ser um soldado do Exército, o jovem pode contar com uma estrutura que lhe ensinará valores como disciplina, organização, amor à pátria, solidariedade e perseverança, entre inúmeros outros que orientarão suas atividades dentro e fora da caserna.

É também uma chance de conhecer, iniciar-se ou aperfeiçoar-se em uma profissão, pela qual será remunerado como qualquer outro trabalhador da classe, com a diferença de estar servindo à nação.

Assim, ao completar em 1938 seus 18 anos de idade, David teve que se apresentar no Regimento de Cavalaria Divisionária existente em sua cidade.

Como não quisesse ser militar, mas sim professor de Inglês, seu pai Carlos procurou o Tenente de Cavalaria José Monteiro, um velho amigo seu, e este conversou com os médicos que faziam o exame nos recrutas alistados no sentido de sensibilizá-los da necessidade da dispensa de David para que ele pudesse terminar seus estudos.

Passado algum tempo, na noite anterior da data marcada para o exame físico e entrevista, David não dormiu direito.

Com dor de barriga, visitou o banheiro no mínimo quatro vezes durante à noite.

Logo pela manhã, levantou-se bem cedo, tomou seu café como de costume, despediu-se de seu pai e de sua mãe e foi até o Quartel.

Primeiro realizou todos os exames de praxe. Passou a maior vergonha quando teve que se despir na frente de todos para os exames regulares.

David não estava acostumado a ficar nu perto de outras pessoas. Foi criado assim pelos pais.

Após realizar estes exames ficou, juntamente com outros jovens, em uma sala de espera, aguardando uma entrevista com o médico chefe.

David foi o penúltimo a ser chamado. Todos os que entravam, saiam com um papel que David logo descobriu tratar-se de um bilhete que indicava o dia e hora para se apresentarem e ser incorporados ao Exército.

Passados alguns minutos, eis que finalmente chega sua vez.

Ao ouvir seu nome, entra em uma pequena sala que tinha na porta um letreiro onde estava escrito: 1º Ten. Med. Dario Sales.

- David Lawyerman!

- Sim Senhor!

- Por favor, entre!

- Vamos ao ponto que realmente nos interessa! Consta aqui em minha ficha um pedido de seu pai para que eu o libere do Exército.

Olhando seriamente para David, pergunta:

- Você poderia me dizer qual é a razão deste pedido?

- Bem, Senhor! responde um pouco trêmulo.